

Jordi Pàmias (ed.)

Eratosthenes' Catasterisms:
Receptions and Translations

Utopica



The publication of this volume has been made possible thanks to the financial assistance of the Spanish Ministerio de Ciencia e Innovación ("Los Mitos en Grecia: edición y comentario de los mitógrafos antiguos")

Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek
Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über dnb.d-nb.de abrufbar.

2016 Utopica Verlag Rainer Streng
Willi-Erlbeck-Ring 48, 86415 Mering

Druck: Frick Kreativbüro & Onlinedruckerei e.K., Krumbach

ISBN 978-3-944735-04-7

www.utopica-verlag.de

Contents

Foreword	VII
A. Receptions	
1. Jordi Pàmias, <i>Eratosthenes' Catasterisms and fin de siècle German Scholarship (1878-1907)</i>	3
2. José Ramón del Canto Nieto, <i>La contemplación de las estrellas como fuente de la mitología astral y de la ciencia (a propósito de los Catasterismos de Eratóstenes)</i>	15
3. Klaus Geus, <i>Sternbild und Standpunkt: Zu einem Ordnungs- und Beschreibungsprinzip in der astronomischen Literatur der Griechen (Die Anordnung der Sternbilder in den Katasterismen des Eratosthenes)</i>	35
4. Anna Santoni, <i>Mitologia celeste e conoscenza del cielo. Qualche osservazione</i>	49
5. José B. Torres, <i>Recepción y receptores en los Catasterismos de Eratóstenes</i>	61
6. Arnaud Zucker, <i>Le "livret" lacunaire d'Eratosthène : de l'image au texte</i>	69
7. Maria Papadopoulou, <i>What the Greek 'National Myth' Did (not) Include: The Fate of Eratosthenes' Catasterisms in 19th Century Greece</i>	79
8. Rui Carlos Fonseca, <i>A memória dos heróis gravada nas estrelas: Eratóstenes e a épica portuguesa</i>	95
B. Translations	
1. Jordi Pàmias, <i>Dues traduccions catalanes dels Catasterismes d'Eratòstenes</i>	111

C O N T E N T S

2. Klaus Geus, *Eratosthenes, Sternsagen (2007): A German Edition of the Catasterismi* 123
3. Anna Santoni, *I Catasterismi: Traduzione e illustrazione* 131
4. José B. Torres, *La traducción castellana del nuevo Eratóstenes* 143
5. Arnaud Zucker, *Le "livret" lacunaire d'Eratosthène : une traduction en réseau* 149
6. Maria Papadopoulou, *Eratosthenes' Catasterisms and the Life of Astral Myths in Contemporary Greece* 161
7. Rui Carlos Fonseca, *A sonoridade das estrelas gravada nos Catasterismos de Eratóstenes* 169

*A memória dos heróis
gravada nas estrelas:
Eratóstenes e a épica portuguesa*

&

*Rui Carlos Fonseca
(Universidade de Lisboa)*

Havia, para os antigos, maneiras diversas de preservarem a memória dos heróis que se destacavam pelas suas acções gloriosas: por meio da recitação de cantos épicos, da performance teatral, do fabrico de esculturas em pedra, da representação pictórica, e do registo escrito, por exemplo. Das opções indicadas (e outras se poderiam ainda acrescentar), manifesta uma especial resistência à corrupção do tempo, bem como ao oblívio que este produz, a fixação da imagem heróica nas estrelas. Esta foi uma das hipóteses eleitas por Eratóstenes nos seus *Catasterismos*, onde o autor descreve a ascensão de figuras míticas ao firmamento celeste para aí o ornamentarem. Tal transferência do elemento finito para a morada infinita dos astros constitui uma forma de tornar imortal a natureza outrora mortal do ser agraciado, na medida em que este, para sempre visível aos olhos dos que o observam de baixo, se faz inolvidável.

Eratóstenes afirma explicitamente em doze das suas metamorfoses astrais, das quarenta e quatro que compõem os *Catasterismos*, que foi como memória ou para memória que uma divindade colocou algo ou alguém entre os astros.

Cat. 3: ὑπόμνημα τοῦ ἀγῶνος Διὸς θέντος ἐναργέστατον

Cat. 4: ἄξιον ὁ Ζεὺς κρίνας τὸν ἄθλον μνήμης

Cat. 10: μνήμην δὲ αὐτῶν Ζεὺς θέσθαι βουλόμενος τῆς κοινότητος

Cat. 12: Τινὲς δὲ φασιν ὅτι Ἡρακλέους πρῶτος ἄθλος ἦν εἰς τὸ μνημονεῦθῆναι

Cat. 17: διὰ τὴν Ἀθηνᾶν, τῶν Περσέως ἄθλων ὑπόμνημα

Cat. 19: καὶ ἐκδὺς ἔδωκε τὴν χρυσὴν δοράν, ὅπως μνημόσυνον ἔχη

Cat. 24: Τὴν δὲ λύραν οὐκ ἔχουσαι ὅτω δώσειν τὸν Δία ἠξίωσαν καταστερίσαι, ὅπως ἐκείνου τε καὶ αὐτῶν μνημόσυνον τεθῆ ἔν τοις ἄστροις

Cat. 29: ὁ Ἀπόλλων εἰς ὑπόμνημα τῆς ἑαυτοῦ μάχης

Cat. 32: ὁ Ζεὺς ὑπὸ Ἀρτέμιδος καὶ Λητοῦς ἀξιωθείς, ὁμοίως καὶ τὸ θηρίον τοῦ εἶναι μνημόσυνον [καὶ] τῆς πράξεως

Cat. 32: τοὺς δὲ θεοὺς ἐλεήσαντας αὐτὸν ἐν οὐρανῷ καταστερίσαι καὶ τὸ θηρίον εἰς μνημόσυνον τῆς πράξεως

Cat. 36: καὶ διὰ τοῦτο εἰς τὰ ἄστρα ἐτέθη ὑπόμνημα τῆς πράξεως αὐτοῦ

Cat. 39: ἐπιτυχόντες δὲ τῆς πράξεως ἔθηκαν καὶ αὐτὸ ἐν τῷ οὐρανῷ εἰς μνημόσυνον

Cat. 41: μνημόνευμα δὲ γε τῆς εἰς θεοὺς ἀμαρτίας σαφὲς εἰκονίσας, ἐν τοις ἄστροις ἔθηκεν

O soberano do Olimpo, pai dos homens e dos deuses, aparece nos *Catasterismos* como a divindade responsável por outorgar um maior número de honras aos seres terrenos (heróis, animais ou objectos), com o propósito particular de lhes captar a natureza mnemónica. Zeus transforma então os seus filhos, Hércules (Cat. 3 e 4) e os Dioscuros (Cat. 10), em imagens astrais, como pontos refulgentes que evocam tanto os seus nomes como os seus feitos praticados na terra. Além disso, a pedido das Musas, Zeus atribui à Lira um lugar no firmamento celeste, para lembrança de Orfeu e delas próprias (Cat. 24); por exigência de Ártemis e Leto, coloca Oríon entre as constelações como reflexo luminoso da coragem demonstrada por esse herói (Cat. 32); e, para manter viva a memória do primeiro trabalho de Hércules, honra o mais proeminente dos quadrúpedes, o Leão, com uma das posições visivelmente mais ilustres no céu (Cat. 12).

O deus que acerta ao longe, Apolo, filho de Zeus, transforma em constelações não só a Flecha (Cat. 29) como também a Hidra, a Taça e o Corvo (Cat. 41). No entanto, enquanto a arma de arremesso serve para imortalizar no céu estrelado a proeza deste deus na luta contra os Ciclopes, o Corvo, por outro lado, recebe um lugar reluzente na abóboda celeste como punição por uma falta cometida contra Apolo, em particular, e contra os deuses, em geral. Trata-se de um caso ímpar nos *Catasterismos* em que a mutação estrelar não serve para transmitir a memória de um feito glorioso, mas antes para conservar a lembrança de um castigo divino.

Também os deuses comemoram em matéria astral Oríon (segundo uma versão do mito referida por Eratóstenes em Cat. 32) e o Altar, onde pela primeira vez firmaram um pacto de aliança, quando Zeus enfrenou Crono (Cat. 39). Outro herói que mereceu ter os seus feitos gravados nas estrelas foi Perseu, tanto na imagem de Andrómeda criada por Atena (Cat. 17), como na réplica do monstro de Posídon (Cat. 36). Por fim, a figura astral do Carneiro não brilha no firmamento, uma vez que o animal se vê desprovido do seu velo dourado, que Frixo ofereceu a Eetes, para que este o conservasse como memória (Cat. 19).

Os deuses agem em função da memória nas honras que outorgam aos mortais, e esse agir divino diz-se, nos *Catasterismos*, mediante uma gama lexical variada. Na verdade, Eratóstenes utiliza cinco vocábulos, do mesmo campo semântico, para designar esse objectivo último com que os deuses transformam seres terrenos em corpos celestes: ὑπόμνημα (Cat. 3, 17, 29, 36), μνήμη (Cat. 4, 10), μνημονεύω (Cat. 12), μνημόσυνον (Cat. 19, 24, 32, 32, 39), μνημόνευμα (Cat. 41).

Os quatro substantivos indicados partilham o mesmo conjunto básico de significados: “memória”, “recordação”, “menção” e “monumento”. Cada um, porém, detém sentidos que, apesar de muito próximos, lhes são particulares. Assim, ὑπόμνημα designa “uma pessoa ou coisa que traz uma recordação”; μνήμη é a própria “faculdade de lembrar” e “o que permanece na memória”; μνημόσυνον indica “o que evoca a memória”; e μνημόνευμα traduz “o que é lembrado”. Por outro lado, o verbo μνημονεύω significa, na voz activa, “buscar na memória”, “fazer voltar a lembrança de”, e, na voz passiva, “guardar ou manter na memória”.

A fixação dos seres mais ilustres nas estrelas garante-lhes a imortalidade, pois, como residentes no céu imenso, beneficiam de uma espécie de imunidade que os protege contra o desgaste que o tempo produz, de modo que, carregando consigo os feitos de outrora, fazem o passado continuamente presente para todos aqueles que os contemplam. A memória, porém, propaga-se não apenas pela contemplação directa, mas também pela simples menção às origens terrenas desses moradores astrais. E o simples acto de mencionar recupera, por si, o tempo longínquo, travando a acção do oblívio.

A poesia épica é o género privilegiado para se celebrar e divulgar a memória dos heróis, nela encontrando-se alusões frequentes às constelações, aí usadas como ornamento retórico. É o que acontece em três epopeias portuguesas dos séculos XVI e XVII: *Os Lusíadas* de Luís de Camões (1572), *Ulisseia ou Lisboa Edificada* de Gabriel Pereira de Castro

(1636), e *Ulissipo* de António de Sousa de Macedo (1640). Apesar de estarem muito distantes da época de Eratóstenes e de não serem directamente influenciadas pelos *Catasterismos*,¹ estas três epopeias portuguesas recuperam a memória das metamorfoses astrais. Pela consulta do Quadro I, é possível contabilizar o número de vezes que as constelações descritas por Eratóstenes ocorrem nas três obras lusas: 43 ocorrências n'Os *Lusíadas*, 36 ocorrências na *Ulisseia* e 14 ocorrências em *Ulissipo*. Além de se apresentarem como marca de sofisticação da literatura erudita, as constelações funcionam, nestas três epopeias, como indicadores espaciais e temporais, conforme ilustram os três exemplos a seguir transcritos.

Do mar temos corrido e navegado
Toda a parte do Antártico e Calisto,
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos céus e terras temos visto;
Dum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos e benquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Aqueronte.
Os Lusíadas I, 51

Contei-lhe quanto tempo andara errando
Antre as ondas do mar embravecido,
Coa fortuna mil vezes pelejando,
Alagado outras tantas e perdido;
Como vira três vezes declinando
Do Sol o ardente carro ter medido
Do velocino os círculos dourados,
Indo abrasar os peixes prateados;
Ulisseia II, 77

Era do anno a estação florida
Cadente já, que mais os ceos serena,
Quando a terceira casa ao Sol cõvida
Dos geminos irmãos da bella Helèna;
Quando das flores à caduca vida
O rigor de seus raios morte ordena,
E os Gregos viam entre fruto, & flores
Os tempos quasi iguais competidores.
Ulissipo III, 5

¹ Sobre a astronomia e as fontes astronómicas em *Os Lusíadas*, vide Silva 1972.

Na estrofe 51 do canto primeiro de *Os Lusíadas*, lê-se que a armada portuguesa tem navegado por toda a parte, “do Antártico e Calisto” (v. 2), o que significa que a navegação se tem feito do Sul ao Norte, sendo o pólo Norte identificado por meio da menção a Calisto, nome da jovem seduzida por Zeus e transformada em Ursa Maior. A referência a Calisto funciona neste passo como indicador espacial.² Na estrofe 77 do canto segundo da *Ulisseia*, Ulisses conta que vira o sol cruzar três vezes o signo de Carneiro (“Do velocino os círculos dourados”, v. 7) para percorrer depois o signo de Peixes (“os peixes prateados”, v. 8). Este movimento repetido três vezes corresponde a um período de três anos,³ o que faz esta alusão ao Carneiro assumir um valor temporal. A estrofe 5 do canto terceiro de *Ulissipo* situa a acção épica no período transitivo entre a Primavera e o Verão, mediante a perífrase dos versos 3-4: “Quando a terceira casa ao Sol cõvida / Dos geminos irmãos da bella Helèna”, ou seja, o sol ilumina o signo de Gémeos, os Dioscuros, irmãos de Helena, que no firmamento celeste ocupam a terceira casa do ciclo zodiacal.

As constelações servem, pela leitura dos três exemplos acima transcritos (muitos outros poderiam juntar-se-lhes), como indicadores de espaço e de tempo, que mostram a erudição dos poetas épicos portugueses. No entanto, a presença das constelações na poesia épica portuguesa não se restringe a essas duas funções. A maneira como as constelações são designadas nestes poemas arrasta consigo a herança clássica das metamorfoses astrais. A sua nomeação nos três poemas nem sempre é feita na sua forma mais transparente e imediata, evocando frequentemente, mediante o recurso a epítetos e paráfrases, os episódios mitológicos que estão na origem da formação das constelações (cf. Quadros II, III e IV).

Em *Ulisseia* II, 77, a constelação do Carneiro vem identificada pelo “velocino”, numa alusão à viagem que os irmãos Frixo e Hele fizeram em cima desse animal. O carneiro surge assim, neste passo, designado por aquilo que o tornou famoso, o seu velo dourado. Esta é das raras constelações mencionadas nos três poemas aqui em foco. Além de a indicar pelo velocino dourado, Gabriel Pereira de Castro também a refere como “De Colcos o animal” (*Ulisseia* III, 19, 3), aludindo assim ao papel que desempenhou na expedição dos Argonautas. Luís de Camões identifica-a como “Carneiro” (*Os Lusíadas* VIII, 67, 8), e António de Sousa de

² Cf. Nota de Costa Pimpão em Camões 2000, 302: “O sentido do verso é, pois, o de que os Portugueses têm navegado toda a parte setentrional e meridional do Oceano”.

³ Cf. Comentário de Segurado e Campos em Castro 2000, 818.

Macedo recorre ao ciclo zodiacal: “Do signo, que primeiro tem morada / No Zodiaco largo” (*Ulissipo* III, 4, 6-7).

A constelação da Ursa Maior aparece maioritariamente na tradição épica portuguesa dos séculos XVI e XVII sob o nome da jovem mortal seduzida por Zeus e por ele colocada entre os astros. Esta constelação vem identificada como “Calisto” em quatro ocorrências (*Os Lusíadas* I, 51, 2; V, 13, 6; X, 139, 2; *Ulisseia* I, 7, 8), como “Ursa” em duas ocorrências (*Ulisseia* III, 104, 8; VIII, 68, 8), e como “Carreta” numa ocorrência apenas (*Os Lusíadas* X, 88, 3). Esta última designação na epopeia de Camões recupera a tradição homérica de se chamar Carro (em grego, ἄμαξα) à Ursa Maior (*Il.* 18.487 = *Od.* 5.273).

A constelação da Ursa Menor surge quase sempre nomeada como Cinosura, que, segundo a informação prestada por Eratóstenes no texto 2 dos *Catasterismos*, pode ser, por um lado, o nome da ama de Zeus, uma das ninfas do Ida, e, por outro lado, o nome de uma cidade de Histos, fundada por Nicóstrato e seus companheiros. Na verdade, esta constelação nunca vem indicada como Ursa Menor nas epopeias portuguesas: das cinco referências (duas n’*Os Lusíadas* e três na *Ulisseia*), quatro fazem-se pelo nome “Cinosura” e uma pelo sintagma “Hélice fermosa” (*Ulisseia* III, 86, 3). Eratóstenes informa que para Arato a jovem transformada em urso se chamaria Hélice, oriunda de Creta. Os poetas portugueses mostram assim conhecer as diferentes versões do mito em torno desta constelação.

A constelação do Boieiro ou Guarda da Ursa vem referida três vezes pelo nome da sua estrela mais brilhante, Arcturo (*Os Lusíadas* I, 21, 6; III, 6, 6; *Ulisseia* VIII, 141, 8), e outras três vezes pelo nome Boote ou Bootes (*Os Lusíadas* III, 71, 7; *Ulisseia* I, 26, 8; III, 86, 5), termos decalcados directamente do vocábulo grego Βούτης e que significa Boieiro.

A constelação do Leão surge mencionada como o animal “nemeio”, tanto por Camões (*Os Lusíadas* V, 2, 2), como por Pereira de Castro (*Ulisseia* VII, 58, 8). Este adjectivo evoca os trabalhos de Hércules, identificando assim este leão como aquele que o herói venceu, e cuja pele lhe serve de insígnia. Conta Eratóstenes (*Cat.* 12) que foi esta a única fera que Hércules matou sem recurso a armas, tendo-a estrangulado com a força dos seus braços. Trata-se do animal, o mais proeminente entre os quadrúpedes, cuja imagem Zeus gravou entre os astros para preservar o combate de Hércules, como se referiu acima.

Luís de Camões serve-se também da constelação do Touro sem referência directa ao nome do animal, mas antes a uma perífrase que evoca o episódio mitológico do rapto de Europa. Escreve assim o poeta quincentista, ao anunciar a chegada da armada portuguesa a Melinde: “Era

no tempo alegre, quando entrava / No roubador de Europa a luz Febeia” (*Os Lusíadas* II, 72, 1-2).⁴

A constelação de Oríon é utilizada duas vezes por Camões e quatro vezes por Pereira de Castro. Estas seis ocorrências nas duas epopeias preservam a memória de Oríon como caçador. Segundo Eratóstenes, este herói “partiu para Creta e passou a viver da caça de animais selvagens, na companhia de Ártemis e de Leto. Consta porém que Oríon ameaçou aniquilar todos os animais que existissem sobre a terra” (*Cat.* 32)⁵. A actividade da caça fica assim espelhada nas designações que os poetas portugueses lhe atribuem: “Da larga espada de Orion” (*Ulisseia* II, 31, 4), “Orion armado” (*Ulisseia* II, 42, 7; VIII, 136, 8), “ensífero Oriente” (*Os Lusíadas* VI, 85, 6) e “do Oriente o gesto turbulento” (*Os Lusíadas* X, 88, 6). Pereira de Castro chega mesmo a dedicar a este caçador astral uma estrofe inteira, representando Oríon a enfrentar exércitos de estrelas como contraponto celestial da guerra terrena entre Gregos e Lusitanos:

Em roda a espada vibra generosa
Que iguala a de Orion, quando subindo
No ar por antre a noite tenebrosa
As nuvens prenhes de água vai ferindo,
Quando com luz infausta e temerosa
Com raios sai a escuridade abrindo,
E ajudado das túrbidas procelas
A ferro põe exércitos de estrelas.
Ulisseia VIII, 102⁶

Eratóstenes coloca a imagem de Oríon no firmamento celeste, mas a alma do herói situa-se, di-lo Homero, no pólo oposto, no território de Hades, onde reúne os animais que matara, segurando uma clava de bronze inquebrantável (*Od.* 11.572-575). Quer figure no mundo dos astros, quer figure no mundo das almas, em Homero, em Eratóstenes ou nos poetas épicos portugueses, Oríon aparece por regra armado e junto de animais de caça.

De entre os corpos astrais presentes nos três poemas lusos, os Planetas ocupam um papel de destaque, devido à frequência com que são aí mencionados. A consulta do Quadro I permite contabilizar um total de

⁴ Cf. Nota de Costa Pimpão em Camões 2000, 320.

⁵ A tradução é da minha responsabilidade. *Cat.* 32: ἀπῆλθεν εἰς Κρήτην καὶ περὶ τὰς θήρας διήγε κνηγετῶν τῆς Ἀρτέμιδος παρούσης καὶ τῆς Λητοῦς, καὶ ἰδοκεῖ ἀπειλήσασθαι ὡς πᾶν θηρίον ἀνελεῖν τῶν ἐπὶ τῆς γῆς γιγνομένων.

⁶ Cf. Comentário de Segurado e Campos em Castro 2000, 1032.

21 referências aos Planetas: dez n'Os *Lusíadas*, cinco na *Ulisseia* e seis em *Ulissipo*. Importa notar que apenas quatro dessas ocorrências são de âmbito genérico, mencionando os Planetas no seu conjunto sem identificar nenhum em particular: “dos sete Céus o regimento” (*Os Lusíadas* I, 21, 1), “As esferas” (*Ulisseia* III, 67, 2), “Círculos imortais [...] orbes estrelados” (*Ulisseia* V, 69, 1-8) e “planetas” (*Ulissipo* IX, 56, 3). As restantes dezassete ocorrências referem os Planetas que vêm tratados por Eratóstenes (*Cat.* 43), ou seja, aqueles que são visíveis a olho nu a partir da terra: Zeus, Ares, Afrodite e Hermes. Os poetas lusitanos utilizam três tipos de formulações para designar os planetas:

1) nomes latinos dos deuses:

Júpiter (*Os Lusíadas* X, 89, 3; *Ulissipo* IX, 56, 7)

Marte (*Os Lusíadas* X, 89, 4; *Ulissipo* IX, 56, 8)

Vénus (*Os Lusíadas* X, 89, 6; *Ulissipo* IX, 56, 8)

Mercúrio (*Os Lusíadas* X, 89, 7; *Ulissipo* IX, 56, 7)

2) característica ou atributo do deus/estrela:

“o Deus Nocturno” (*Os Lusíadas* II, 1, 6)⁷

“véspero” (*Os Lusíadas* III, 115, 3)⁸

“a amorosa Estrela cintilava” (*Os Lusíadas* VI, 85, 1)

“Véspero inclinado” (*Ulisseia* III, 23, 5)

3) concepção ptolemaica do sistema solar:

“terceira Esfera” (*Os Lusíadas* II, 33, 6)

“sexto Céu” (*Os Lusíadas* II, 33, 7)

“Mavorte a quinta esfera” (*Ulisseia* VIII, 92, 8)

“Da quinta esfera mais armado Marte” (*Ulisseia* X, 57, 8)

“quinta esfera” (*Ulissipo* V, 79, 3)

Eratóstenes mostra nos seus *Catasterismos* um céu coroado de mitos, onde grava a memória dos heróis de outrora. Os três poetas lusos dos séculos XVI e XVII aqui em foco, Luís de Camões, Gabriel Pereira de Castro e António de Sousa de Macedo, recuperam esse mesmo céu luminoso, ornamentando o universo épico com a memória dessas metamorfoses astrais que estão na origem das constelações. Poderá não ter servido de fonte directa aos três autores portugueses, mas Eratóstenes, ao relatar os episódios mitológicos que explicam a génese das constela-

⁷ Sobre a identidade deste deus, vide nota de Costa Pimpão em Camões 2000, 309.

⁸ Sobre a referencialidade deste termo, vide nota de Costa Pimpão em Camões 2000, 345-346.

ções e a disposição dos astros no céu, contribuiu sem dúvida para a propagação dessa memória gravada nas estrelas.*

* Rui Carlos Fonseca é investigador do Centro de Estudos Clássicos, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, e desenvolve um projecto de Pós-Doutoramento financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia sobre as metamorfoses do romance bizantino (SFRH/BPD/99542/2014).

Bibliografia

- Camões, Luís de [1972] (2000). *Os Lusíadas*, 4.ª edição. Leitura, prefácio, e notas de Álvaro Júlio da Costa Pimpão, apresentação de Aníbal Pinto de Castro, Lisboa.
- Castro, Gabriel Pereira de (2000). *Ulisseia ou Lisboa Edificada*, I Volume. Texto estabelecido e comentado por J.A. Segurado e Campos, Lisboa.
- Macedo, António de Sousa de [1640] (1848). *Ulyssipo, Poema Heroico*, Lisboa.
- Pâmias, J. & Zucker, A. (2013). *Eratosthène de Cyrène. Catastérismes*, Paris.
- Silva, L. P. da (1972). *A Astronomia de Os Lusíadas*, Lisboa.

Quadro I: Número de ocorrências das constelações em três epopeias portuguesas dos séculos XVI e XVII

Epopeias de Eratóstenes	Os Lusíadas 1572	Ulisseia 1636	Ulyssipo 1640	Epopeias de Eratóstenes	Os Lusíadas 1572	Ulisseia 1636	Ulyssipo 1640
I. Ursa Maior	4 [Ursas: 1]	3 [Ursas: 3]		XXXIII. Plêiades			
II. Ursa Menor	2	3		XXXIV. Lira	1		
III. Dragão	1	1		XXXV. Cisne	1		
IV. Hércules				XXVII. Capricórnio			2
V. Coroa				XXVIII. Sagitário		1	
VI. Serpentário				XXXIX. flecha			
VII. Escorpião				XXX. Águia			
VIII. Boieiro	3	3		XXXI. Delfim			
IX. Virgem	1	1		XXXII. Orion	2		
X. Gêmeos			1	XXXIII. Cão	[Cães: 1]	4	
XI. Caranguejo			1	XXXIV. Lebre	2	1	
XII. Leão	1	1		XXXV. Argo	3		
XIII. Auriga				XXXVI. Ceféus			
XIV. Touro	1	1		XXXVII. Rio			1
XV. Cefeu	1			XXXVIII. Peixe			
XVI. Cassiopeia	1			XXXIX. Altar	1		
XVII. Andrómeda				XL. Centauro			
XVIII. Cavalo		2		XLI. A Hidra na Taça e o Corvo	1		
XIX. Carneiro	1		1				
XX. Triângulo				XLII. Próclon		1	1
XXI. Peixes	1	1	1	XLIII. Planetas	10	5	6
XXII. Perseu				XLIV. Via-Láctea	2	1	

Quadro III: Presença das constelações na Ulisseia

Constelações de Eratóstenes	Epopeia	Ulisseia 1636	Constelações de Eratóstenes	Epopeia	Ulisseia 1636
I. Ursa Maior		I, 7, 8: Calisto III, 104, 8: Ursa VIII, 68, 8: A Ursa torpe	XXXI. Peixes XXVIII. Sagitário XXXII. Orion		II, 77, 8: os peixes prateados IV, 91, 8: Sagitário II, 31, 4: Da longa espada de Orion II, 42, 7: Orion armado VIII, 102, 2: Orion VIII, 136, 8: Orion armado
Ursas		I, 5, 4: as Ursas II, 38, 5: as Ursas em seu pólo X, 136, 2: a Ursa boreal			I, 73, 7: O Cão celeste II, 38, 3: o Cão celeste III, 96, 4: No Cão celeste IX, 93, 1: o Cão celeste VIII, 68, 8: a Lebre fugitiva VIII, 68, 7: Co Sirio cão
II. Ursa Menor		III, 86, 3-4: Hélice fermosa [...] Ursa imortal III, 86, 6: Cinosura IV, 91, 8: Cinosura	XXXIII. Cão		III, 23, 5: Véspero inclinado [Vénus] III, 67, 2: As esferas [planetas] V, 69, 1-8: Círculos imortais [...] orbes estreitados VIII, 92, 8: Mavorte a quinta esfera [Marte] X, 57, 8: Da quinta esfera mais armado Marte
III. Dragão		I, 7, 6: o Dragão frio I, 26, 8: tardio Boote	XXXIV. Lebre		
VIII. Boieiro		III, 86, 5: tardio Boote VIII, 141, 8: congelado Acturo	XII. Prócion XLIII. Planetas		
IX. Virgem		V, 13, 3: Astreia			
XII. Leão		VII, 58, 8: Do nemio leão a pele de ouro			
XIV. Touro		II, 19, 5: o Touro na nova Primavera			
XIX. Carneiro		II, 77, 7: Do velicno os círculos dourados III, 19, 3: De Colcos o animal			
			XLIV. Via-Láctea		I, 16, 6: a Láctea Via

Quadro II: Presença das constelações n'Os Lusíadas

Constelações de Eratóstenes	Epopeia	Os Lusíadas 1572	Constelações de Eratóstenes	Epopeia	Os Lusíadas 1572
I. Ursa Maior		I, 51, 2: Calisto V, 13, 6: Do conhecido Pólo de Calisto X, 88, 3: Carreta X, 139, 2: Calisto V, 15, 7: as Ursas X, 88, 3: Cinosura X, 125, 3: Cinosura	XXXII. Orion Cães XXXIV. Lebre		VI, 85, 6: eusífero Oriente X, 88, 6: E do Oriente o gesto turbulento X, 88, 8: os Cães VIII, 71, 8: Lebre X, 88, 8: Lebre IV, 85, 8: Argos VIII, 71, 8: Argos X, 88, 8: Nau
Ursas		X, 88, 4: o Dragão horrendo I, 21, 6: o Arcturo congelado	XXXV. Argo		VIII, 71, 8: Ara
II. Ursa Menor		III, 6, 6: Arcturo	XXXIX. Altar XLI. A Hidra na Taça e o Corvo		VIII, 71, 8: Hidra
III. Dragão		III, 71, 7: o Bootes gelado	XLIII. Planetas		I, 21, 1: dos sete Céus o regimento II, 1, 6: o Deus Nocturno II, 33, 6: terceira Estera II, 33, 7: sexto Céu III, 115, 3: véspero VI, 85, 1: a amorosa Estrela cintilava X, 89, 3: Júpiter logo faz o movimento X, 89, 4: E Marte abaxo, bélico inimigo X, 89, 6: E Vénus, que os amores traz consigo X, 89, 7: Mercúrio, de eloquência soberana
VIII. Boieiro		IV, 27, 7: Astreia V, 2, 2: No animal Nemio trulento II, 72, 2: No roubador de Europa X, 88, 4: Andrómida e seu pai X, 88, 5: de Castiopia a fermosura X, 88, 4: Andrómida VIII, 67, 8: Carneiro			I, 20, 6: Via Láctea I, 41, 5: Pelo caminho Lácteo glorioso
IX. Virgem		X, 88, 8: a doce Lira			
XII. Leão		X, 88, 7: o Cisne	XLIV. Via-Láctea		
XIV. Touro					
XV. Cefeu					
XVI. Castiopia					
XVII. Andrómida					
XIX. Carneiro					
XXI. Peixes					
XXIV. Lira					
XXV. Cisne					

Quadro IV: Presença das constelações em Ulisippo

Constelações de Eratóstenes	Epopéia	Ulisippo 1640
X. Cémeos		III, 5, 3-4: a terceira casa dos gêmeos irmãos
XI. Caranguejo		VII, 34, 6: Cancro
XIX. Carneiro		III, 4, 6: Do signo, que primeiro tem morada
XXI. Peixes		I, 26, 7: Os peixes só do etéreo firmamento
XXVII. Capricórnio		VII, 34, 6: Capricórnio
XXXVII. Rio		IX, 55, 5: ao décimo signo se apartara
XIII. Pédon		II, 65, 2: Que Canopos chamou a antiguidade
XIII: Planetas		IX, 55, 3: canícula
		V, 79, 3: quinta esfera [Marte]
		IX, 56, 3: planetas
		IX, 56, 7: Mercúrio
		IX, 56, 7: Júpiter
		IX, 56, 8: Marte
		IX, 56, 8: Vénus